

Índice

Introdução: *V de Vingança*, II Parte 11

PRIMEIRA PARTE

Os Altos e Baixos do Capitalismo Global

1. O Capitalismo Global e o Seu Mal-Estar 29
2. Syriza, a Sombra de Um Acontecimento 77
3. A Religião e o Seu Conteúdo 125

SEGUNDA PARTE

O Teatro de Sombras Ideológico

4. A “Ameça Terrorista” 179
5. O Sexual (não) É Político 225
6. A Tentação Populista 277

Finale: A Solidão do Polícia Global num Mundo Multicêntrico 339



Introdução: *V de Vingança*, II Parte

Numa belíssima leitura do romance de Italo Svevo *A Consciência de Zeno*, Alenka Zupančič elabora uma matriz sistemática das relações entre repetição e final.¹ O aspeto fundamental é aqui a falsa referência à liberdade de escolha quando (se considerarmos o caso do fumo) a minha consciência de que posso deixar de fumar a qualquer momento garante que efetivamente nunca o farei... a possibilidade de deixar de fumar é o que bloqueia a transformação efetiva; permite-me aceitar fumar constantemente sem má consciência, mantendo-se o deixar de fumar constantemente presente como fonte efetiva da continuação do fumo. (Como Zupančič perspicazmente observa, bastaria imaginarmos uma situação em que o sujeito estivesse vinculado pela ordem seguinte: podes fumar ou não fumar, mas, uma vez que comeses a fumar, deixas de ter escolha, deixa de te ser permitido pôr fim ao fumo. Seriam muito menos as pessoas que escolheriam fumar sob tais condições.) Quando já não posso tolerar por mais tempo a hipocrisia desta desculpa interminável, o passo seguinte consiste numa inversão imanente da situação em causa: decido fumar e proclamo que este será o último cigarro da minha vida, por isso fumo com esse excedente de gozo que resulta da consciência de estar a fumar o meu último cigarro... e faço-o uma e outra vez, repetindo interminavelmente o final, o último cigarro. O problema com esta solução é que só funciona (ou seja, é que o excedente de gozo só se produz) se, sempre que proclamo que o cigarro que vou fumar é o último, eu acreditar sinceramente que se trata do meu último cigarro — o que acaba por condenar a minha estratégia ao fracasso. No romance de Svevo, o

1 Alenka Zupančič, *The End* (inédito).

passo seguinte tem lugar quando o analista do sujeito (que, até então, tentara convencer Zeno de que o fumo é perigoso para a sua saúde física e mental) muda de estratégia e declara que Zeno deverá fumar tanto quanto quiser, uma vez que a saúde não é realmente um problema — sendo o único traço patológico a obsessão de Zeno em relação ao fumo, a paixão que põe no seu propósito de deixar de fumar.

Assim, aquilo a que se trata de pôr fim não é o fumar, mas a própria intenção de fumar. Previsivelmente (para quem tenha alguma experiência analítica), o efeito desta transformação será catastrófico: em vez de finalmente experimentar alívio e de se tornar capaz de fumar (ou não fumar) sem culpa, Zeno fica profundamente perturbado e desesperado. Fuma como um louco e sente-se entretanto absolutamente culpado, sem conseguir extrair qualquer satisfação narcísica da sua culpabilidade. O seu desespero condu-lo ao colapso. Seja o que for que faça, é mal feito: nem as proibições nem a permissividade funcionam, não há saída, não há qualquer compromisso gratificante; e, depois de fumar ter sido o foco da sua vida, o próprio fumar perde o sentido, deixa de ter seja que importância for. Portanto, num desespero total — e não como uma grande decisão —, Zeno *deixa de fumar...* Deste modo, a saída emerge inesperadamente quando Zeno aceita o desespero total da sua situação. Ora, é esta mesma matriz que deveria ser aplicada à perspectiva de uma transformação radical. A atitude predominante entre os “radicais de esquerda” académicos é ainda a mesma que, em 1937, George Orwell descrevia a propósito da questão das diferenças de classe:

Todos nós denunciámos as distinções de classe, mas são muito poucos os que querem seriamente aboli-las. Deparamos aqui com o facto importante de cada opinião revolucionária tirar parte da sua força de uma convicção secreta de nada poder ser mudado.²

A ideia de Orwell é que os radicais invocam a necessidade de transformação revolucionária como uma espécie de garantia supersticiosa destinada a assegurar o seu contrário — ou seja, a *impedir* que tenha lugar a transformação efetiva —, do mesmo modo que o membro da esquerda académica que critica o imperialismo cultural, mas sentindo-se de facto horrorizado perante a ideia de o seu campo de estudo

2 George Orwell, *The Road to Wigan Pier* (1937), texto acessível online: <http://gutenberg.net.au/ebooks02/0200391.txt>.

poder na realidade vir a tornar-se redundante. Encontramos aqui a mesma atitude que assume o fumador convencido de que é capaz de deixar de fumar se escolher fazê-lo: a possibilidade da transformação é evocada para garantir que a ação transformadora não terá lugar. É assim que deparamos com toda uma panóplia de estratégias cujo resultado é sempre o mesmo e que culminam no “aceleracionismo” (o capitalismo desmoronar-se-á através do seu próprio sobredesenvolvimento, por isso assumamo-lo até ao fim...). É somente quando desesperamos e já não sabemos o que fazer que a transformação pode desencadear-se — a partir desse momento que é o ponto zero do desespero. Em suma, teremos de operar em política uma inversão semelhante à operada em “Der Leiermann”, o último *lied* da *Viagem de Inverno* (*Winterreise*) de Schubert. A canção descreve o extremo desespero do amante abandonado que por fim perde toda a esperança, que perde a própria capacidade de sofrer o luto e de desesperar e interpela na rua um tocador de realejo. Todavia, como muitos comentadores observaram, esta última canção da *Viagem de Inverno* pode ser também interpretada como sinal de uma redenção a caminho: enquanto, em todas as canções anteriores do ciclo, o herói aparece interiormente ensimesmado, agora, pela primeira vez, vemo-lo virar-se para fora e estabelecer um contacto mínimo, uma identificação empática, com outro ser humano — embora a identificação se faça com um outro perdedor desesperado que perdeu até mesmo a capacidade do luto e se vê reduzido à execução de uns quantos gestos mecânicos e cegos. Dois anos antes da sua morte, quando se tornou claro que não teria lugar uma revolução europeia, e sabendo que a ideia da construção do socialismo num só país era um absurdo, Lenine chegou ao mesmo ponto, escrevendo:

E se a natureza completamente desesperada da situação, fazendo multiplicarem-se por dez os esforços dos operários e dos camponeses, nos oferecesse a oportunidade de criarmos, em termos diferentes dos dos países europeus ocidentais, as condições de base preliminares da civilização?³

A operação ideológica fundamental de Estaline consistiu precisamente em inverter a leitura que Lenine fazia da situação: apresentou o isolamento da União Soviética como uma oportunidade única para

3 V. I. Lenine, *Collected Works*, vol. 33, Moscovo, Progress Publishers, 1966, p. 479.

a construção do socialismo num só país. Na situação histórica existente, a fórmula de Estaline era uma fórmula de esperança. No entanto, a década seguinte tornou evidente o preço a pagar pela tentativa de dar vida a essa esperança: purgas, fomes maciças, etc. A lição do comunismo do século xx é que temos de encontrar forças que nos tornem capazes de assumir plenamente o desespero. Giorgio Agamben disse numa entrevista que “o pensamento é a coragem do desespero” — intuição que é especialmente pertinente no que se refere ao nosso momento histórico, quando até mesmo o diagnóstico mais pessimista acaba em geral com a sugestão animadora desta ou aquela versão da proverbial luz ao fundo do túnel. A verdadeira coragem não é imaginarmos uma alternativa, mas aceitarmos as consequências do facto de não haver qualquer alternativa claramente discernível: o sonho de uma alternativa é um sintoma de cobardia teórica, funcionando como um fetiche que nos impede de pensarmos até ao fim o beco sem saída da nossa situação. Em suma, a verdadeira coragem é admitirmos que a luz ao fundo do túnel é provavelmente a luz de um outro comboio em sentido contrário que se aproxima de nós.

Este comboio que se aproxima tem nos últimos tempos assumido múltiplas formas. Nos anos mais recentes, as explosões de desordem no nosso paraíso capitalista global ocorreram a quatro níveis, sob o signo de quatro figuras do inimigo: a ameaça fundamentalista-terrorista renovada (a declaração de guerra contra o Estado Islâmico, Boko Haram...); as tensões geopolíticas com e entre novas potências não-europeias (a China e, em particular, a Rússia); a ascensão de novos movimentos radicais de emancipação na Europa (Grécia e Espanha, até este momento); o fluxo de refugiados que cruzam o Muro que se ergue para “Nos” separar “Deles” e que representa, portanto, “uma ameaça para o nosso modo de vida”. É crucial que saibamos ver estas ameaças nas suas interconexões — não no sentido de serem quatro rostos do mesmo inimigo, mas no sentido em que são uma expressão dos traços da mesma “contradição” imanente do capitalismo global. Embora o fundamentalismo e o fluxo dos refugiados pareçam as mais ameaçadoras das quatro figuras (não será o Estado Islâmico uma negação brutal dos nossos valores civilizados?), as tensões com a Rússia representam um perigo muito mais sério para a paz na Europa, enquanto os movimentos como o Syriza anterior à capitulação minam do interior o capitalismo global na sua versão neoliberal. Mas não deve haver mal-entendidos a este propósito: as potências ocidentais podem coexistir facilmente com regimes fundamentalistas — enquanto, no